

Em síntese, a entrevista foi o método adotado para fixar *ad aeternum* a vida e o pensamento de André Martinet. Se o primeiro bloco de capítulos interessa, pelos fatos biográficos relatados, para a compreensão da pessoa porque apontam essencialmente para a vida, o segundo, porque refere o pensamento, interessará particularmente pelas idéias reveladas e para compreender o lingüista.

Assim, por tudo quanto foi dito, e perante os dois tipos de problemas colocados – o do gênero e o da autoria – esta obra pode classificar-se como pertencendo a um gênero híbrido, entre a entrevista e as memórias, e pode dizer-se que a autoria é conjuntamente de Georges Kassai e André Martinet, com maior peso deste último, que, como ele próprio afirma no prólogo, reviu e corrigiu o texto. Portanto, a conclusão geral a tirar é que as entrevistas propostas por Georges Kassai funcionam como recolha das memórias da vida e do pensamento de André Martinet, lingüista incontornável para quem quiser aprofundar conhecimentos na área da lingüística contemporânea, neste início de século XXI.

Helena Rebelo

*

MARUYAMA, T. (Org.). *A Grammatica da Lingoagem Portuguesa e os Índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista*. Nanzan, Universidade de Nanzan, 2003.

1. Alvissaras na lusofonia

Ótima notícia para os estudiosos da diacronia da língua portuguesa: a Universidade de Nanzan (Japão) acaba de fazer uma primeira tiragem, ainda experimental e policopiada, fora do mercado, particularmente destinada a especialistas na área da lusofonia diacrônica, da edição diplomática da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira, seguida de um útil *Keyword-in-context Index* (Índice das palavras-chave contextualizadas), para consulta rápida dos interessados, ambos preparados meticulosamente pelo professor Toru Maruyama, do Departamento de Estudos Japoneses da Universidade de Nanzan. A *Grammatica* ocupa 61 páginas do volume, e o Índice 508 p., de dimensão 29,5cm x 21cm, texto digitado em espaço duplo.

No prefácio em inglês, seu organizador relata os passos que teve de dar para a execução da obra, referindo-se carinhosamente às bibliotecas portuguesas onde desenvolveu a pesquisa, além da de Nanzan, quartel-general de suas atividades. Refere-se também às três edições daquela *Grammatica* inaugural de Oliveira em que se apoiou a sua; bem como às

instituições e pessoas físicas envolvidas no ambicioso projeto. Foi o professor Masayuki Toyoshima responsável pela programação específica do *Índice*, programação construída dentro do programa maior de computação conhecido por PERL. A ela foi submetida a primeira digitação do *Índice*, realizada já há muitos anos pelo próprio organizador da edição em tela. Fundamentais também para a publicação da obra foram os membros do macroprojeto 'Towards a Reconstruction of Classical Studies' (Reconstrução dos Estudos Clássicos no Mundo), subsidiado pelo programa de 'Subvenção à Pesquisa Científica em Áreas Prioritárias', que é, por sua vez, apoiada pelo Ministério de Educação, Ciência Esportes e Cultura do Japão, para o quadriênio 1988-2001. Daí dever-se supor que se está publicando esse produto final bem antes do prazo de encerramento do quadriênio previsto para a pesquisa concluir-se. Dentre esses membros, sobleva a ajuda dos professores Akiyoshi Kida, na publicação da obra, e Hideaki Nakatani, coordenador daquele macroprojeto e detentor do poder de decisão final sobre o material apresentado.

2. O editor diplomático

Há cerca de vinte anos, tive o prazer de conhecer o professor Maruyama. Teve lugar nosso encontro na secretaria da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em seus últimos dias na Avenida Chile, no coração da cidade. Vinha ele de uma permanência de cerca de um ano na Faculdade de Letras, da Universidade de São Paulo, onde, em 1979, sob a orientação do sábio e saudoso filólogo Isaac Nicolau Salum, concentrou sua área de interesse na ortografia portuguesa.

Assim, em 1981, quando já éramos companheiros de jornada, paralelamente às muitas aulas de língua japonesa que ministrava ele na UFRJ, agora com minha ajuda e orientação, usava todas as horas disponíveis para reunir o maior número de textos informativos sobre a ortografia portuguesa, especialmente a quinhentista. Tudo isso, porque, à altura, já se imbuíra de um firme propósito. Conhecendo mais profundamente o português quinhentista, entenderia melhor as mudanças lingüísticas ocorridas durante os séculos XVI e XVII em seu próprio idioma. A utilização de caracteres românicos (roma-ji) na escrita de palavras japonesas por parte dos jesuítas que viveram ali e então é um dos poucos veículos concretos para a obtenção desse conhecimento. Além disso, para melhor compreensão do próprio português quinhentista, são, ainda hoje, igualmente muito importantes os testemunhos contidos na descrição dessa pronúncia, bem como nas regras e nos hábitos ortográficos encontrados nas gramáticas de Oliveira e João de Barros, e nos tratados ortográficos de Gândavo e Duarte Nunes, estes dois ortógrafos ain-

da mais próximos do período em que os jesuítas lusitanos ali pregaram, lecionaram e viveram sua fé.

Retornando ao Japão em meado dos anos oitenta, o professor Maruyama fixou residência na cidade de Nagoya, em cuja Universidade de Nanzan passou a lecionar. Ali começou a dar corpo a seu antigo projeto, que era digitar aquelas gramáticas e aqueles tratados de ortografia portugueses. Muitas vezes com a saúde comprometida, para consegui-lo teve de sacrificar, por anos consecutivos, seus dias de descanso e lazer com a família, pelo fato de somente poder fazê-lo nos computadores da universidade, disponíveis para esse tipo de trabalho dos professores nos fins de semana e nos feriados, dias em que os alunos não necessitavam deles para execução de suas próprias tarefas.

3. As primeiras utilizações dos Índices

A partir de então, com base nos *Índices Maruyama*, já pôde ele confirmar algumas suposições minhas em torno da pronúncia e da ortografia portuguesas do século XVI. Assim sendo, em setembro de 1988, este periódico, da Sociedade Acadêmica de Nanzan, publicou uma pequena história da acentuação portuguesa, por nós ambos escrita sob o título *The Accentuation of the Novissimo Acordo Ortográfico in the light of early Portuguese Treatises*, cuja versão portuguesa somente seria publicada três anos depois pela DIFEL de Lisboa na miscelânea em homenagem à filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio.

Na esteira da polêmica provocada dois anos antes em Portugal em torno da proposta de unificação ortográfica do português formulada por uma equipe mista, que tinha em Antônio Houaiss o representante brasileiro, o estudo pretendia chamar a atenção para as muitas vantagens daquele Acordo. Mostrávamos, entre outras coisas, de um lado, que, na ortografia quinhentista portuguesa, a acentuação era muito caótica. Podiam os acentos ter função prosódica, ortoépica e até morfossintática, pois João de Barros acentuava os pronomes oblíquos *o(s)*, *a(s)* para diferenciá-los dos artigos definidos, que tinham a mesma forma. De outro lado, mostrávamos que aquele gorado Acordo, ao propor radical economia no uso daqueles diacríticos, nos aproximaria da simplicidade acentual somente conseguida na prática de ortógrafos setecentistas como Verney e, principalmente, Francisco Felis de Souto Maior. Como pretendiam os reformistas do Acordo, reduzindo ao mínimo necessário a utilização dos acentos, o português adequava-se à era da computação eletrônica, assim como algumas línguas vulgares da Europa ocidental, como o francês, no decorrer do séc. XVI, tiveram de adaptar-se às exigências e aos caprichos da imprensa de tipos móveis. Como ainda nos é impossível subjugar as cedilhas e os acentos portugueses aos programas de inteligência artificial importados, os internautas

temos de sacrificá-los em nossas mensagens escritas para podermos conversar com o mundo.

Esses *Índices* também desempenharam papel importante na elaboração do ensaio *The orthographical utopy of Luis Antonio Verney's Verdadeiro Método de Estudar*. Apresentei a primeira versão desse texto em português, sob a dupla autoria, em novembro de 1992, ao II Congresso Internacional da Faculdade de Letras, da UFRJ. Seus dados me foram fornecidos pelo professor Maruyama, que lhe ampliou as notas e lhe deu os últimos retoques na versão inglesa publicada em setembro de 1993 por este periódico. Mostramos aí as grandes contradições ortográficas de Verney. Entre outras muitas, se, por um lado, tentou inutilmente esse humanista estender o uso do hífen às partículas átonas proclíticas; por outro, procurou ser realista na representação ortográfica das consoantes em posição implosiva medial, somente as grafando quando realmente pronunciadas, bem como simplificou bastante a utilização dos acentos em sua proposta de reforma ortográfica.

No Congresso Internacional Brasil – 500 Anos de Língua Portuguesa, promovido em julho de 2000 pela Academia Brasileira de Filologia, e Universidades Estácio de Sá e Estadual do Rio de Janeiro, tive a oportunidade de apresentar uma instigante constatação feita no cotejo de seus quatro primeiros *Índices* com o *Índice do Vocabulário dos Lusíadas*, de Camões¹. Verifiquei que, a partir do uso ostensivo de consoantes implosivas em posição medial nos hábitos ortográficos do licenciado Duarte Nunes do Lião, na revoadada renascentista às fontes latinas, muitas dessas consoantes reapareceram no uso oral, lugar em que muitas delas permanecem até hoje. A constatação é particularmente curiosa, uma vez que não é muito comum uma praxe ortográfica gerar repercussões na oralidade de uma língua, e provocar uma mudança fonológica.

4. A edição diplomática da *Grammatica*

Nada mais do que se possa exigir de uma fiel edição diplomática, o professor Maruyama oferece na sua. Como revela no Prefácio, valeu-se das edições da obra promovidas por Rodrigo de Sá Nogueira (1933); por Maria Leonor Carvalhão Buescu (1975); e por Amadeu Torres com Carlos Assunção (2000). Esta reúne as lições – crítica, semidiplomática e anastática da obra, e é prefaciada por Eugenio Coseriu. Assim instrumentado, e dispondo de um índice que lhe dava conta de todas as ocorrências lexicais do texto, talvez tenha o

¹ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Índice Crítico do Vocabulário dos Lusíadas*. 2 vols. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1966.

editor considerado ociosa, ou desnecessária, a consulta de outras edições diplomáticas da obra.

Por isso, gostaria de referir-me aqui à publicada individualmente por Olmar Guterres da Silveira² em meados do século passado, no Rio. Essa edição serviu ao saudoso amigo como tese de Concurso para provimento de um cadeira de Português no Colégio Pedro II da antiga capital do Brasil. Na página 20 de seus estudos introdutórios, Silveira nos relata uma de suas dificuldades: não conseguiu identificar “entre os autores latinos” (que bem conhecia e freqüentava) as pessoas “de um Mersilo e de um Comero Galo”. Assim também aglutinados, encontro os dois morfemas, mas com as iniciais minúsculas, do prenome deste último antropônimos na lição do professor Maruyama (009-1, p. 6) e no *Índice* (p. 72 *passim*): “[...] diz Beroso comero gallo ensinou letras & leis [...]” Ora, como o cuidadoso editor desfez as elisões (por exemplo: *com[o] estas*, em lugar de *comestas*, p. 76 *passim*), indago se não ganharia em clareza junto a seus leitores proceder da mesma forma com aquela referência à afirmação de Beroso. Assim, creio que ficaria mais inteligível o trecho citado: “[...] diz Beroso ca (H)omero Gallo ensinou letras & leis [...]”.

Como ensina Félix Gaffiot³, Gallus era sobrenome de muitas famílias latinas; e, como ensina Antônio Geraldo da Cunha⁴, a partícula *ca*, como conectivo oracional, pode ter três funções e significados diversos. Pode ser conjunção causal, provinda do latim *quia* e equivalente a *porque*; pode ser comparativa, provinda do latim *quam* e equivalente a *do que*; e pode ser integrante, com esvaziamento semântico, investida apenas de função ligadora (latim *quia* > português *que*). Assim, tanto o *quia* como o *quam* latinos passaram pelas formas medievais *qua* ou *ca* antes de se fixarem na atual forma portuguesa *que*.

Desta primeira leitura apenas essa sugestão nos ocorreu, para elucidar um passo obscuro da obra, passo que já propiciou leitura diversa em outra edição do texto. O fato de não haverem sobrevivido ao tempo possíveis trabalhos de Marsilo e Homero Gallo não invalida a hipótese da passagem deles um dia pela terra dos homens. Uma evidência disso é a própria citação de Oliveira, tão rigoroso em tudo aquilo que fazia. Formulada essa indagação para possível aproveitamento em sua edição definitiva, só cabe aqui cumprimentar seu editor pelo ingente trabalho. Desenvolveu com precisão as abreviaturas do original; separou as palavras erroneamente aglutinadas; dissolveu o maior número

² SILVEIRA, Olmar Guterres da. *A “Grammatica” de Fernão d’Oliveira . Apreciação - Texto reproduzido do da 1.ª edição (1536)*. Rio de Janeiro, ed. do autor, 1954.

³ GAFFIOT, Félix *Dictionnaire Illustré Latin - Français*. Paris, Hachette, 1934.

⁴ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, vol. 2. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

possível de elisões intervocabulares; corrigiu os evidentes erros tipográficos da edição *princeps* da obra, tendo o cuidado de assinalar sua *emendatio* com um asterisco; enfim venceu o maior de todos os desafios: conseguiu com propriedade e correção transpor para caracteres românicos o texto que Oliveira fez publicar em caracteres góticos.

Alvíssaras, pois, ao mundo da lusofonia diacrônica, pelo excelente trabalho do professor Toru Maruyama. Na remota hipótese de que uma instituição científica japonesa de fomento não se arrogue o direito de fazê-lo, praza aos céus que uma instituição portuguesa do porte da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, ou congênera, publique e divulgue em escala maior essa edição diplomática da *Grammatica* com o *Índice de palavras-chave contextualizadas* que aqui comentamos. Além de fundadora de nossa gramatologia, é assinada justamente por quem, no dizer de Eugenio Coseriu⁵ (1991: 47), foi “o mais importante foneticista da Renascença na România”, ninguém menos que o português Fernão de Oliveira.

Antonio Martins de Araujo

*

PEREIRA, Paulo Roberto. (org.) *Brasiliana da Biblioteca Nacional. Guia de Fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira-MinC/Fund. Biblioteca Nacional, 2001.

Em beleza e criatividade, extensividade e ilustração, informação e qualidade, a *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das Fontes sobre o Brasil*, coordenada pelo Prof. Doutor Paulo Roberto Pereira, excede a todas as obras do gênero que até hoje se publicaram em nosso país. No seu todo, é uma dinâmica e oportuna definição destes quinhentos anos de crescimento do Brasil. Uma *Brasiliana* à altura do Brasil

O encorpado volume de 636 p., formato 22,5 x 30 cm, com 500 imagens em quatro cores, foi lançado festivamente a 17 de janeiro último, e já constitui um fenômeno editorial, que não só revela seu alto nível de execução, como também a potencialidade do mercado consumidor nacional. Dos cinco mil exemplares da edição, a quota destinada a divulgação logo se extinguiu, e a reserva da comercialização está prestes a esgotar-se nas livrarias. Pressionada pela demanda internacional, a BN já fala em uma edição bilingüe.

⁵ COSERIU, Eugenio. *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Trad. de Maria Cristina de M. Maia. Rio de Janeiro, Presença, 1991. p. 47.